

O desejo como bússola para o amor

Desire as a compass for love

El deseo como brújula para el amor

Le désir comme boussole d'amour

ANA SUY SESARINO KUSS

RITA MARIA MANSO DE BARROS

Neste artigo pretendemos fazer algumas observações sobre o amor, a partir do referencial psicanalítico, desde a sua entrada no século XII como amor cortês, passando pela ideia de amor romântico da época freudiana, chegando aos nossos dias, como amor líquido. Nosso objetivo é pensar o amor como um acontecimento enlaçado ao desejo, oferecendo a psicanálise como uma das mais poderosas ferramentas que possibilita e sustenta este ato para cada sujeito que possa nela se aventurar.

Palavras-chave: Amor. Freud. Lacan. Desejo. Psicanálise.

Só no ato do amor – pela límpida abstração de estrela do que se sente – capta-se a incógnita do instante que é duramente cristalina e vibrante no ar e a vida é esse instante incontável, maior que o acontecimento em si.

Clarice Lispector, em *Água viva*

Para falar de amor

A psicanálise fez do amor o motor de seu método de acesso ao inconsciente. É porque há amor de transferência que ela atinge seu objetivo de ser o tratamento possível para a travessia das neuroses. Contudo, não há amor verdadeiro que não inclua o ódio, e isso comparece nos impasses vividos na transferência denominada negativa.

Em *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* Freud afirma que se lhe nega satisfação [ao amor], pode, com facilidade, ser parcialmente convertido em ódio” (1909/1996, p. 239). É com os poetas que mais podemos aprender sobre o amor já que eles nos dizem “que nos mais tempestuosos estádios do amor os dois sentimentos opostos podem subsistir lado a lado, por algum tempo, ainda que em rivalidade recíproca” (idem). Mas há também quem encontre alegria e até mesmo a cura para o seu sofrimento pela via amorosa, pois um sujeito nunca se sente tão bem quanto como quando está seguro de ser amado, mas também nunca se encontra numa posição tão vulnerável (FREUD, [1930]/2010).

Freud nos indica que o amor é um problema de linguagem. “Somos de opinião, pois, que a linguagem efetuou uma unificação inteiramente justificável ao criar a palavra 'amor' com seus numerosos usos, e que não podemos fazer nada melhor senão tomá-la também como base de nossas discussões e exposições científicas”. (FREUD, [1921] 1996, p.101-102). É preciso considerarmos que dizer que o amor é um problema de linguagem não é dizer que é um problema da língua, mas que o amor não é de uma suposta natureza humana, não é instintual, mas corre movido pela pulsão. A linguagem desnaturaliza os corpos, não nos deixando reféns dos instintos, mas da linguagem. Assim, a pulsão, o desejo, o amor, o gozo, são efeitos de corpos que são tocados pela linguagem. Amar não é natural e nem instintivo, por isso não é garantia de que ele aconteça na vida humana. Entretanto, é fato notável que ele tenha um lugar importante em nossa civilização.

Lacan afirma no *Seminário 10, A angústia*: “O amor é um fato cultural [...] nem se cogitaria falar de amor se não houvesse a cultura” ([1962-63] 2005, p. 198). Entendemos que o amor está intrinsicamente atrelado à linguagem e à cultura, sendo a sua manifestação diferenciada ao longo do tempo. Além disso, chamamos pela mesma palavra muitas nuances diferentes: o amor materno, o amor filial, o amor entre amigos, o amor por uma ideia, o amor pelo próximo.

O amor, no sentido das aproximações entre os sexos, nem sempre existiu. Antes do século XII, o amor do qual se falava era do amor amizade e do amor por Deus. Foi apenas com o nascimento do amor cortês e com a mudança de posição das mulheres em nossa civilização, que o amor passou a ser falado, cantado, enaltecido, valorizado no modo como o entendemos hoje.

Também se faz necessário destacar que o sujeito que ama está numa posição feminina, por dois motivos. O primeiro é que o amante é, em essência, um sujeito faltante, incompleto. É preciso reconhecer a falta em si para amar alguém. O segundo motivo é que, tal como o gozo feminino, trabalhado por Lacan através das fórmulas da sexuação em seu *Seminário 20*, igualmente o amor não tem começo, meio e fim. Há, portanto, uma intensa intimidade entre o amor e o feminino, já que amar é dar o que não se tem, para quem não se é.

Seguindo esses fios condutores, percorreremos nesse artigo três momentos do amor para pensar para qual caminho uma análise aponta. Abordaremos o amor cortês, o amor romântico e o amor líquido (Bauman). Em seguida, buscaremos no acontecimento (Badiou) um caminho no amor para o qual a psicanálise aponte e que, já adiantamos, não se faz sem desejo.

O amor cortês ou nada querer saber da inexistência da relação sexual

Nascido no século XII, o amor cortês tinha como condição uma não correspondência amorosa. A satisfação, nesse tipo de amor, estava atrelada ao ato de amar, e não à reciprocidade do amor. Por isso, para Lacan, o amor cortês é a sublimação do desejo. Ferreira (2004) alega que o amor cortês é um amor fingido, ainda que nem por isso seja falso, mas que se trata de um processo que utiliza todos os artifícios necessários para a invenção de um objeto: um cavaleiro se dirige a uma dama idealizada. Corresponde a um conjunto de atitudes, mitos e etiqueta comuns na época, que enalteciam o amor.

Para Lacan ([1959-60] 2008), “o amor cortês era em suma um exercício poético, uma maneira de jogar com um certo número de temas de convenção, idealizantes, que não podiam ter nenhum correspondente concreto real” (p.180). O que se amava, no amor cortês, era o próprio amor, e não a dama e por isso a singularidade da dama ficava excluída. É nesse sentido, do amor enquanto exercício poético, que Lacan afirma que o amor cortês era uma “criação sublimada” (p.180).

O amor cortês surgiu “numa época cujas coordenadas históricas nos mostram que nada parecia responder ao que se poderia chamar de uma promoção, ou até mesmo uma liberação da mulher” (LACAN, [1959-60] 2008, p.178). Nesse tempo, a posição da mulher na sociedade feudal era a de um objeto de troca, não aparecendo enquanto sujeitos, mas como coisas. A mulher era essencialmente identificada com uma função social “que não deixava lugar algum para sua pessoa e para sua liberdade própria – salvo com respeito ao direito religioso” (p.179). Dessa forma, “o casamento, por exemplo, na sociedade medieval, não tinha como função o reconhecimento social do amor, mas sim assegurar, por via contratual, a aquisição de bens territoriais e mobiliários. E o que se trocava, quando as famílias sentavam para negociar um casamento? As mulheres” (FERREIRA, 2004, p. 4).

O lugar das mulheres, portanto, era o de objeto de troca entre os homens. Quando um amante escrevia para elas, essa posição se modificava, ainda que não inteiramente, já que elas eram colocadas no lugar de damas – não por sua singularidade, mas por um outro modo de objetualização, pois, segundo Lacan, no amor cortês “o objeto feminino é esvaziado de toda substância real” ([1959-60] 2008, p. 181). Por isso todas as cartas pareciam ser endereçadas à mesma mulher.

O trovador, no amor cortês, nada demanda de sua dama. A relação do trovador para com a dama é a de “um súdito ou de um vassalo que se consagra inteiramente ao serviço de sua nobre Senhora, sem dela esperar nada em troca” (ROCHA, [1996] 2000, p. 143). Aliás, o esperado era que ela permanecesse intocada e inacessível, mantendo, assim, a castração velada.

Podemos antever que esse tipo de amor é objetual e característico dos seres masculinos. Para Freud, “ele exhibe a acentuada supervalorização sexual que se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual” ([1914] 1996, p. 95). Há, como consequência, um empobrecimento do eu e um aumento no investimento libidinal destinado ao objeto

amoroso. Ele argumenta que os homens tendem a amar de um modo objetual e que as mulheres tendem a amar de um modo narcísico. Na descrição freudiana da mulher narcísica pode-se ler bem a figura da dama, que é fria, cruel e parece não se importar com os versos de amor de seu amante. “Rigorosamente, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essas condições cairá em suas boas graças” (FREUD, [1914] 1996, p. 95).

A incongruência amorosa que se faz presente, e que Freud aponta no texto sobre o narcisismo, destaca que não há complementaridade nos modos de amar narcísico e objetual, uma vez que “o grande encanto das mulheres narcisistas tem, contudo, o seu reverso; grande parte da insatisfação daquele que ama, de suas dúvidas quanto ao amor da mulher, de suas queixas quanto à natureza enigmática da mulher, tem suas raízes nessa incongruência entre os tipos de escolha de objeto” ([1914] 1996, p. 96).

Tomando o ensino lacaniano como orientação, podemos extrair dos dizeres freudianos a demonstração de que a relação sexual não existe. Isso porque, se por um lado, o homem ama o narcisismo de sua amada, por outro lado, ele sofre por não encontrar reciprocidade aí. É nesse ponto que o amor cortês não se encontra com a castração, uma vez que neste, a reciprocidade amorosa é justamente aquilo que fica de fora do jogo. Por isso, Lacan afirma que “o amor cortês é uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência da relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo. É verdadeiramente a coisa mais formidável que já se inventou” ([1972-73] 2008, p. 94).

O que se apresenta no amor cortês é a ideia de um amor que não precisa lidar com a castração, pois a inexistência da relação sexual fica excluída. Por isso, é condição para o amor cortês que a dama se coloque como fria ou desinteressada, preservando o desejo do trovador aceso. Trata-se de uma maneira de preservar o desejo, pois só se pode desejar o que não se tem. É preciso ressaltar que preservar o desejo não é a mesma coisa que sustentá-lo, uma vez que no amor cortês a condição para a preservação do desejo é que a castração não seja considerada. No amor cortês havia, então, uma disjunção entre desejo e amor, evitando o gozo e o confronto com a inexistência da relação sexual.

Na medida em que não há confronto com a castração, nem com o feminino e nem mesmo com os impasses causados pelo desejo e pelo gozo no campo do amor, que é possível entender que o amor cortês era um movimento essencialmente poético. Será somente com o acesso da mulher à palavra, que o amor passa a ter outras conotações e

ligar-se à castração. São as mulheres que demandam o amor. É dado o passo para o amor romântico.

O amor romântico ou o sonho da existência da relação sexual

Diferentemente do amor cortês, o amor romântico é mais ambicioso e pretende reunir tudo: não só duas pessoas, como também amor e desejo, amor e casamento, amor e sexualidade. É daí que vem a ideia de amor que paira no senso comum de duas pessoas que se unem em uma só, com a exigência de reciprocidade. Como movimento cultural, o romantismo aparece nos séculos XVIII e XIX, em plena ascensão da burguesia e crença na individualidade, burguesia que mais tarde procuraria Freud para tratar suas feridas de amor, impulsionando o nascimento da psicanálise. O casamento burguês deveria ter em sua base o amor, a fidelidade da mulher, sobretudo, como garantia da transmissão de bens aos verdadeiros herdeiros. No pensamento freudiano, a exigência da monogamia fez questioná-la várias vezes como absurda.

No que diz respeito às origens do amor, Freud fez referência ao mito de Aristófanes (em 1905, em *Os três ensaios sobre a sexualidade* e em 1920, em *Além do princípio do prazer*) para falar do desejo humano de encontrar completude. O mito conta que inicialmente os seres humanos eram divididos em três sexos: feminino, masculino e andrógino. Eram seres completos, duplos e por isso muito fortes. Tinham duas cabeças, quatro braços, quatro pernas, dois sexos e assim por diante. Os seres do sexo feminino tinham dois sexos femininos, os do sexo masculino tinham dois sexos masculinos e os andróginos tinham um sexo feminino e um masculino. Por serem muito fortes, os seres humanos ambicionavam tomar o lugar dos deuses. Sabendo disso, Zeus tomou uma providência e os cortou pela metade. Encontramos esse mito atualizado nos dizeres populares a respeito da “metade da laranja”, da “tampa da panela” etc. É interessante ressaltar que nessa forma de amor encontramos explicações do mundo antigo para a heterossexualidade (pela via dos andróginos), a homossexualidade feminina (pelos seres com dois sexos femininos) e a homossexualidade masculina (pelos seres com dois sexos masculinos).

Se Freud recorre a este mito não é para falar da completude que se pode encontrar pela via do amor, mas para atestar a desconstrução desse ideal de completude pelo qual a psicanálise opera. O cotidiano da clínica aponta para a neurose como tendo esse formato, sujeitos em busca da existência da relação sexual que Lacan vem atestar que não existe.

É preciso observar, voltando ao mito, que Zeus, ao cortar os seres em duas metades, voltou suas cabeças para a direção do corte. Ali puxou a pele e fez um acabamento em nó, cuja cicatriz é o umbigo. Dessa forma, pretendia que os seres, agora divididos, pudessem sempre lembrar do que aconteceu devido às suas pretensões de equipararem-se aos deuses: a incompletude, a divisão se impõem. A ferida fica ao alcance dos olhos e rememora a sua ousadia narcísica, criando obstáculo a qualquer ambição futura de perfeição: a relação sexual não existe.

Contudo, o amor romântico parece querer fazer os homens e mulheres acreditarem ser possível uma união tal que qualquer dimensão da falta inexista, o que nos permite pensar que a neurose é decorrente do sofrimento que advém da falha do amor romântico. Mas a relação dos sujeitos com o amor foi mudando depois da industrialização do mundo sob o regime capitalista, o império das mercadorias.

O amor líquido ou o gozo instantâneo

É preciso considerarmos as peculiaridades do nosso tempo para pensar o amor em nossos dias. Tomamos então algumas considerações do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman que, ao analisar as práticas culturais atuais, percebeu que o amor romântico está em vias de extinção, pois “a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir de onde extraía seu vigor e sua valorização” (BAUMAN, 2003, p. 19).

Assim, Bauman aponta para ligações frágeis entre as pessoas, onde o tempo não se inscreve de forma duradoura, o amor em estado líquido se esvai como a água pelo ralo aberto. Imersos em uma cultura consumista como a nossa, que nos oferece objetos de todos os tipos, prontos e vendidos como adequados para o nosso gozo, sob a condição de termos nosso dinheiro de volta caso não o seja, o amor é vendido como mais um objeto a ser adquirido e pronto para consumo. É a forma atual de excluir o desejo do amor. Se no início da industrialização as mercadorias eram criadas para atender os desejos dos sujeitos, hoje os sujeitos são criados para comprar mercadorias que nem sabem se desejam.

“Separar-se do ser amado é o maior medo do amante, e muitos fariam qualquer coisa para se livrarem de uma vez por todas do espectro da despedida” (BADIOUS; TRUONG, [2009] 2013, p. 33). Vemos aí que a possessividade amorosa à qual o autor se

refere não é exclusiva de nossos tempos, visto que se assemelha muito ao que vimos no mito de Aristófanes que comparece no amor romântico. Se no amor cortês o desejo fica separado do amor pela dicotomia entre amor e casamento, no amor romântico a tentativa de fazer o amor e o desejo coincidirem falha e leva às tragédias e/ou ao sofrimento neurótico; no amor líquido, o que se vê, é que o desejo é rechaçado. Tomar o amado como objeto de consumo é não ter que se haver com o desejo. Porém, é claro que, se isso é possível, é apenas por um curto período.

Enquanto o amor líquido tenta escapar da castração, uma vez que não precisaria lidar com a incerteza de uma criação, o amor enquanto criação, não recua diante da castração, uma vez que “o pathos do amor consiste na intransponível dualidade dos seres” (BAUMAN, 2003, p. 22). Contudo, Bauman aponta que o amor, por excelência, não é líquido, é criação, uma vez que “não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas. O amor é afim à transcendência; não é senão outro nome para o impulso criativo e como tal carregado de riscos, pois o fim de uma criação nunca é certo” (BAUMAN, 2003, p. 21).

O amor enquanto acontecimento: a saída pelo desejo

A proposta do filósofo francês Alain Badiou, profundamente inspirada no pensamento lacaniano, aponta o amor enquanto acontecimento que convoca o ser do sujeito a se posicionar e nos oferece uma outra vertente para o entendimento do amor que vai ao encontro do pensamento psicanalítico, se afastando das relações rarefeitas que Bauman desnudou. Badiou admite que “...é quase possível definir o amor como uma luta bem-sucedida contra a separação” ([2009] 2013, p. 56), enquanto Lacan afirma que “jamais se viu um corpo enrolar-se completamente, até incluí-lo e fagocitá-lo, em torno do corpo do Outro” (LACAN, [1972-73] 2008, p.29). Assim, Eros quer fundir dois em um; entretanto, se consegue, o amor deixa de existir. É nesse ponto de tensão que mora a fragilidade do amor, em sua constante luta a fazer de dois um, por um lado, e a de não se tornar um, por outro lado.

Em seu livro *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*, Badiou explica que a arte, a ciência, o amor e a política são circunstâncias que convocam um animal particular a se tornar sujeito. “Então o animal humano é intimado a ser o imortal que não era” ([1993] 1995, p. 48). O que convoca à composição de um sujeito “está *a mais*, ou

sobrevém às situações como aquilo de que essas situações e a maneira usual de nelas se comportar não pode dar conta” (p. 48). É este *a mais*, que até então não fazia parte do sujeito, que Badiou chama de acontecimento, que “obriga a decidir sobre uma nova maneira de ser” (p. 48). A partir deste acontecimento é preciso que uma fidelidade se instaure, fidelidade esta nomeada por *verdade*.

São poucas as pessoas que, podendo ser fiéis ao acontecimento, tornar-se-ão sujeitos como consequência de um processo de verdade. Assim, o *sujeito do amor*, para Badiou, não é o *amante* descrito pelos moralistas clássicos, mas, seguindo o pensamento lacaniano, são aqueles que não cedem do seu desejo. Em suas palavras, “chamamos “sujeito” ao suporte de uma fidelidade, portanto o suporte de um processo de verdade. O sujeito, portanto, de modo algum preexiste ao processo. É absolutamente inexistente na situação antes do acontecimento. Pode-se dizer que o processo de verdade *induz* um sujeito” (BADIOU, [1993] 1995, p. 50). O sujeito do amor, então, é aquele que não recua diante da castração, que “não cede diante de sua captura por um processo de verdade” (MANSO DE BARROS, 1999, p.164-165).

Podemos ler as afirmativas de Badiou sobre o amor como acontecimento, assim como a ideia de Bauman sobre o amor como criação, a partir do pressuposto lacaniano de que a relação sexual não existe. Que ela não exista, isso não nos exime de tentarmos fazê-la existir pela via do amor, entretanto, quando se consegue transformar dois sujeitos em um só, é porque um deles se tornou puro objeto do outro e deixou de existir enquanto sujeito. Consequentemente, o amor também não faz presença onde a relação sexual existe, já que o amor é justamente aquilo que vem em suplência à inexistência da relação sexual, de acordo com Lacan ([1972/73] 2008).

Amar não é o suficiente para continuar amando, uma vez que Eros trabalha para unir os amantes, é preciso que o desejo compareça entre eles, garantindo que a relação sexual não exista. Com Lacan, podemos entender que encontramos o desejo como um caminho para o amor com sua indicação de não “ceder de seu desejo” ([1959-60] 2008, p. 375). O desejo, diferentemente da demanda, não tem um objeto de satisfação para si que encontre correspondência na realidade, é desejo de desejar e por isso singulariza os sujeitos, não permitindo que se reduzam a mero objeto do outro no campo das relações amorosas.

Badiou, retomando a ideia lacaniana de não ceder em seu desejo, acrescenta: “não ceder naquilo que não se sabe de si mesmo” ([1993] 1995, p. 53). Isso porque o desejo,

para o autor, como vimos, está relacionado ao que ele chama de fidelidade a um acontecimento. Não há um saber em relação ao amor, portanto, o sujeito não tem como saber de que modo deve responder a um acontecimento amoroso e é apenas sendo fiel ao processo de verdade que ele advirá enquanto um sujeito do amor. O sujeito, “de modo algum preexiste ao processo. É absolutamente inexistente na situação “antes” do acontecimento”. (BADIOU, [1993], 1995, p. 50). Isso nos leva a entender que o amor enquanto um acontecimento marca para um sujeito um antes e um depois, sem que haja um lugar ou um manual a que possa recorrer para saber como prosseguir. Não há bússola para o amor, a não ser a bússola do desejo.

O acontecimento amoroso, por sua relação com o real, não se inscreve psiquicamente de modo antecipado. Assim, convoca o sujeito a lidar com algo nele que ele mesmo desconhece, que entendemos ser o desejo. É nesse ponto que o amor encontra sua problemática em nossa cultura, uma vez que, na atualidade, deseja-se pouco, deseja-se mal, ou se é empurrado para o gozo imediato. As ofertas de satisfações instantâneas se entranham em nossa relação com o tempo, de modo a deixar pouco espaço para o desejo, pois “semear, cultivar e alimentar o desejo leva um tempo (um tempo insuportavelmente prolongado para os padrões de uma cultura que tem pavor em postergar, preferindo a “satisfação instantânea”). O desejo precisa de tempo para germinar, crescer e amadurecer” (BADIOU ([1993] 1995, p. 26).

Podemos encontrar confirmações da importância do tempo em nossa própria experiência ao considerarmos nossa relação com a tecnologia. Se antes era preciso esperar datas especiais para revelarmos as fotos das máquinas fotográficas, e então aguardar uma semana para ver se as fotos ficaram boas e frequentemente descobrirmos que o “filme queimou” e as fotos ficaram imprestáveis, hoje em dia, com as câmeras instaladas em nossos telefones celulares, a nossa relação com a fotografia mudou radicalmente. Não se espera por um evento para tirar fotos, mas fotografa-se tudo, assim como se vê as fotos instantaneamente. Nossa relação com as cartas, que antes levavam uma semana ou mais para chegar ao seu destino, dependendo da distância, também se alterou drasticamente. Em poucos segundos há quem se angustie por não receber uma resposta imediata nas mensagens de textos que enviamos pelos aplicativos. O tempo para imaginar como ficaram as fotos, para fantasiar a resposta da carta, o tempo para o desejo, já não existe, tudo acontece rápido demais. O tempo de espera, que era a fábrica do desejo, transformou-se em mero produtor de angústias.

O amor e a castração: não basta amar, é preciso desejar

Na medida em que amar é ser convocado a lidar com a falta, e conseqüentemente com a castração, em nossa atualidade, o amor tem se tornado um desencadeador de angústias, visto que o desejo comparece mal. No texto *Cinco lições de psicanálise*, Freud chegou a nos autorizar a definir o tratamento psicanalítico como sendo “o aperfeiçoamento educativo destinado a vencer resíduos infantis” ([1910] 1996, p. 59). Podemos entender tal afirmativa como a psicanálise sendo um tratamento que trabalha pela via do desejo e pelas dificuldades que os sujeitos encontram ao serem inseridos no desejo, evento que acontece no início da vida.

O discurso do capitalista, que impera em nossos tempos, propaga a falsa ideia de que a completude é possível de ser alcançada. Há uma proposta que vai na contramão da psicanálise, uma vez que a psicanálise é uma ética que pretende sustentar o inevitável da perda, enquanto o capitalista dá à perda o estatuto de uma falha. Promove-se a ideia de um encontro com a completude, que sabemos que só poderá ser encontrada no campo mortífero da pulsão, uma vez que o gozo fálico é parcial e só nos permite satisfações que são portadoras de um furo. Assim, o desejo, tão fundamental na constituição do psiquismo, é erroneamente entendido como o mal-estar a ser eliminado, algo do qual o sujeito tem de se livrar.

As diferenças entre os sexos são, frequentemente, vividas como diferenças intoleráveis ou intransponíveis. “Desistir diante do primeiro obstáculo, da primeira divergência mais séria, das primeiras dificuldades, não passa de uma desfiguração do amor” (BADIOU; TRUONG, [2009] 2013, p. 25). Uma vez que o amor consiste em fazer suplência à inexistência da relação sexual, então, não ceder ao desejo, não significa seguir *apesar* das diferenças, mas seguir justamente por *causa* das diferenças. É claro que não se trata de recalcar o final de uma relação amorosa, insistindo em uma parceria sintomática sofrida, mas também não se trata de crer que o parceiro amoroso poderia nos livrar do desejo e/ou do gozo. Dizer que o amor é o condensador de gozo em desejo, também aponta para a ética do desejo, da qual o sujeito não se perdoará por recuar. Vemos, então, que não basta amar, é preciso desejar.

Em seu texto *Sobre a transitoriedade*, Freud escreve que “uma flor que dura apenas uma noite nem por isso nos parece menos bela. Tampouco posso compreender melhor por que a beleza e a perfeição de uma obra de arte ou de uma realização intelectual

deveriam perder seu valor devido à sua limitação temporal” ([1916] 1996, p. 317-318). A importância de tal orientação freudiana vai na direção de não nos apegarmos demasiadamente à cronologia do tempo quando analisamos as críticas de Bauman a respeito do amor líquido como sendo aquele que dura uma noite, mas sim, a liquidez que fragiliza o amor por sua escassa relação com o desejo. Aliás, pelo contrário, Freud nos ensina que é a interdição que funda o desejo. Chega, inclusive, a afirmar que "para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais" ([1910] 1996b, p.193).

A ideia de que a beleza de algo seja transitória pode causar uma antecipação do luto pela morte dessa beleza. Isso nos leva a compreender que cada vez mais nossa cultura incentiva que os amantes se entreguem menos aos relacionamentos amorosos, uma vez que antecipam o luto que estaria por vir, como uma defesa em relação ao desejo. Não havendo tempo para viver o luto, uma vez que a lógica dos aplicativos de relacionamentos está em fazer “a fila andar” pulando de parceiro(a) em parceiro(a), a libido não retorna ao eu, para depois ficar livre e só então se ligar a outro objeto, processo normal de elaboração do luto, segundo Freud, em *Luto e Melancolia* ([1915-1917] 2010). Um amante que se preze é um sujeito que aposta no desejo, ou seja, que pode investir em algo que não sabe se funcionará, pois o amor é uma confiança depositada no acaso (BADIOU, [2009] 2013, p. 17).

Ao fim, o desejo sustenta o amor

O psicanalista Jean Allouch nos oferece argumentos para pensar que um amor que se sente garantido, que é o que o amor romântico pretende através das juras de amor, tende a se desvalidar, pois “nada garante que uma jura de amor valha como ato de amor, sequer como declaração de amor. [...] Porque o “vou te amar para sempre” introduz no amor um ingrediente que o faz virar vinagre, a saber, a incondicionalidade” (ALLOUCH, 2009, p. 87).

Se a incondicionalidade é o que leva o amor a tornar-se vinagre, isto ocorre porque ela tenta isentar o sujeito de seu desejo. Os poetas, que são quem sabem de amor, mesmo sem saber que sabem, nos dão indícios preciosos sobre o amor, como nos famosos versos de Vinicius de Moraes (1960, p. 96): “que não seja imortal, posto que é chama/ mas que seja infinito enquanto dure”. Ser infinito enquanto durar está muito distante de se cumprir

a promessa de um amor infinito, promessa esta que, por avinagrar o desejo, transforma-se em dívida entre os amantes.

Entendemos que o amor para o qual uma psicanálise aponta, é o amor que traz a assinatura da sustentação do desejo. O amor cortês, o amor romântico, o amor líquido, são modalidades amorosas que se esquivam do desejo e que, paradoxalmente, encontramos ainda hoje nos sujeitos que buscam análise. É a psicanálise, enquanto um tratamento, que possibilitará a alguns viver o amor enquanto acontecimento, enquanto aquele que sustenta o impossível da relação sexual, e que pode vir a permitir não recuar diante do real.

A saída para a qual uma análise psicanalítica aponta trata-se, então, de um rompimento com a lógica capitalista que leva ao amor líquido, onde será o desejo, e não a demanda, quem reinará. Que o amor nos ponha a trabalho não é novidade. Freud ([1930]/2010) já nos apontou que encontramos mais pessoas infelizes no amor do que felizes. E de que a felicidade no amor precisaria de certas mudanças.

Cabe aqui algumas palavras sobre as mulheres. No amor cortês eram colocadas como objeto de adoração, sem lugar para a fala. A partir do amor romântico, com a exigência de reciprocidade, passam a ter voz, mas desde que submetidas à moral patriarcal, é quando a psicanálise passa a escutar suas insatisfações. Com os avanços da medicina, com a pílula anticoncepcional, a mudança nos costumes, passaram a ter acesso a uma posição fálica, e adentram ao amor líquido. Chegar ao amor como acontecimento que convoca um sujeito a sustentar seu desejo, é o momento que vivemos agora, para muitas mulheres íntimas do real, que aceitam a não existência da relação sexual e amam.

Podemos concluir, então, que a afirmação lacaniana de que “somente o amor permite ao gozo condescender ao desejo” ([1962-63] 2005, p.197) é a grande bússola para o amor que interessa ao tratamento psicanalítico, na medida em que considera o sujeito inserido na trilogia amor, desejo e gozo – sustentando o desejo como resto da operação amorosa. O amor, enquanto orientado pelo desejo, é, portanto, um acontecimento, como o amor de transferência numa psicanálise.

Referências

- ALLOUCH, J. **O amor Lacan**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009.
- BADIOU, A. **A ética: um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- BADIOU, A; TRUONG, N. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- FERREIRA, N. P. **A teoria do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios para uma teoria da sexualidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 7, p. 119-231.
- FREUD, S (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 10, p. 137-276.
- FREUD, S (1910a). Cinco lições de psicanálise. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a, v. 11, p. 25-65.
- FREUD, S (1910b). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens: contribuições à psicologia do amor I. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b, v. 11, p. 167-215.
- FREUD, S (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, p. 77-108.
- FREUD, S (1916). Sobre a transitoriedade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, p. 314-317.
- FREUD, S (1917). Luto e melancolia. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, v. 14, p. 245-266. (Escrito em 1915).
- FREUD, S (1920). Além do princípio de prazer. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 18, p. 13-75.
- FREUD, S (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 18, p.79-154.

- FREUD, S (1930). O mal-estar na civilização. In: **Obras completas de Sigmund Freud**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, v. 18, p. 13-122.
- LACAN, J. (1959-1960). **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J (1962-1963). **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J (1972-1973). **O seminário, livro 20: mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MANSO DE BARROS, R. M. **A promessa analítica e o mal-estar na cultura**. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1999.
- MORAES, V. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960.
- ROCHA, Z. **Paixão, violência e solidão: o drama de Abelardo e Heloísa no contexto acultural do século XII**. Recife: Editora Universitária da UFPR, 2000.

ABSTRACT

In this article we intend to make some observations about love, from the psychoanalytical referential, since its entry in the twelfth century as courteous love, passing through the idea of romantic love from the Freudian era, reaching our days as liquid love. Our goal is to think love as an event linked to desire, offering psychoanalysis as one of the most powerful tools that enables and sustains this act for every subject who can venture into it.

Keywords: Subject. Division. Lacan. Psychoanalysis.

RESUMEN

En el presente artículo nos proponemos a realizar algunas observaciones a respecto del amor, a partir del referencial psicoanalítico, desde su entrada en el siglo XII como amor cortés, pasando por la idea de amor romántico de la época freudiana y llegando a nuestros días como amor líquido. Nuestro objetivo es el de pensar el amor como un acontecimiento enlazado al deseo, ofreciendo el psicoanálisis como una de las herramientas más poderosas para posibilitar y sostener este acto a cada sujeto que en él pueda aventurarse.

Palabras clave: Amor. Freud. Lacan. Deseo. Psicoanálisis.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous entendons faire quelques observations sur l'amour, à partir du référentiel psychanalytique, depuis son entrée au XIIe siècle comme l'amour courtois, en passant par l'idée d'amour romantique de l'époque freudienne, atteignant nos jours comme amour liquide. Notre objectif est de penser l'amour comme un événement enlacé au désir, en proposant la psychanalyse comme l'un des outils les plus puissants permettant et soutenant cet acte pour tout sujet qui peut s'y aventurer.

Mots clés : Amour. Freud. Lacan. Désir. Psychanalyse.

ANA SUY SESARINO KUSS

Psicanalista.

Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Professora do curso de Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR.

ana_suy@yahoo.com.br

Orcid: 0000-0002-2021-9507

RITA MARIA MANSO DE BARROS

Psicanalista.

Professora Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo – USP/PSOPOL.

ritamanso2008@gmail.com.

Orcid: 0000-0001-7603-8062

Citação:

KUSS, Ana Suy Sesarino; BARROS, Rita Maria Manso de. O desejo como bússola para o amor. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, ago. 2022.

Submetido: 08.09.2021 / Aceito: 27.07.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

